

# Naturalismo descritivo e ficção normativa: a questão dos valores sob a perspectiva do espírito livre nietzschiano

Oscar Augusto Rocha Santos\*

**Resumo:** O artigo busca propor uma resposta para o aparente desacordo entre certas demandas descritivas provenientes do naturalismo presentes na psicologia moral formulada por Nietzsche e seu engajamento em prol de um específico conjunto de valores notadamente vinculados ao ideal de vida do espírito livre.

**Palavras-chave:** naturalismo - espírito livre – valor - psicologia moral - normatividade

Neste artigo buscaremos apresentar algumas considerações acerca do naturalismo moral de Nietzsche, tendo como pano de fundo certa articulação entre sua teoria de valores e o conceito de espírito livre, aqui tomado como ideia central de sua filosofia intermediária<sup>1</sup>. De maneira mais específica, trata-se de fornecer algum tipo de resposta ao suposto descompasso existente entre certas

---

\* Professor da Fundação Cultural Campanha da Princesa (FCCP) vinculada a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Minas Gerais, Brasil. E-mail: filoscscar@yahoo.com.br

1 Segundo nota do tradutor Paulo César de Souza, “na contracapa da primeira edição [de *A gaia ciência*] havia o seguinte texto, redigido pelo próprio autor: ‘Este livro conclui uma série de obras de *Friedrich Nietzsche*, cujo objetivo comum é estabelecer *uma nova imagem e novo ideal do espírito livre*. A esta série pertencem: / *Humano, demasiado humano*. Com apêndice: *Opiniões e sentenças variadas./ O andarilho e sua sombra./ Aurora. Reflexões sobre os preconceitos morais./ A gaia ciência*”. (NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 318).

características descritivas da psicologia moral de Nietzsche e seu manifesto empenho na defesa de valores ligados ao ideal de vida do espírito livre. Assim, tomamos a axiologia nietzschiana como um modelo biológico-historicista de interpretação, ou seja, uma teoria de valores que se sustenta, por um lado, no senso histórico e sua capacidade de proporcionar uma perspectiva mais ampla e realista do fenômeno moral, e por outro, em certo naturalismo metodológico, cujo foco se atém à pluralidade constitutiva do agente e os aspectos fisiológicos envolvidos em suas valorações. Esta perspectiva implica por sua vez em uma psicologia moral de cunho naturalista que tende a descrever a estrutura das ações humanas a partir de fatos fisiológicos relativos aos diferentes tipos de indivíduos, de modo que seus valores sejam determinados segundo critérios de ajustamento entre estes valores e seus impulsos e afetos predominantes, sendo, de todo modo, algo decididamente não universalizável. Ora, o que de imediato se espera de alguém que adote este tipo de perspectiva naturalista para a descrição da estrutura da ação humana é que também assuma ou uma posição de indiferença com relação à contrapartida normativa para tal tese, ou que acate as consequências de um possível relativismo axiológico. De qualquer maneira, como acreditamos que a posição nietzschiana não se reduz nem a uma nem a outra das alternativas, pretendemos, a partir destes pressupostos, apontar de que modo seria possível buscar a conciliação entre esta descrição naturalista da psicologia moral e o inegável engajamento do filósofo em prol dos espíritos livres, ou seja, determinando certos limites para seu naturalismo moral, de maneira que fique reservado o devido espaço para algum nível de intervenção normativa, mesmo que edificada a partir de ficções conceituais por sua vez fundadas em uma relação honesta de aceitação de certos erros e ilusões regulativas.

## Naturalismo descritivo

Brian Leiter inicia um de seus estudos sobre o naturalismo moral nietzschiano partindo da seguinte distinção: por um lado teríamos o que ele chama de *naturalismo substantivo* – preferencialmente tomado como a crença no caráter estritamente natural de tudo aquilo que existe, inclusive as manifestações humanas ditas mais espirituais como a arte e a moral – e por outro um *naturalismo metodológico* – este por sua vez relacionado à continuidade, tanto de métodos quanto de resultados, entre a atividade filosófica e as ciências empíricas<sup>2</sup>. Quanto ao primeiro sentido do naturalismo, salvo casos específicos de estudos dedicados a Nietzsche<sup>3</sup>, parece haver certa concordância em se dizer que o filósofo alemão assume uma posição abertamente contrária a toda forma de ontologia metafísica<sup>4</sup>, considerando toda a realidade como determinantemente natural. De todo modo, é preciso que haja clareza quanto a esta questão para que não se radicalize sua perspectiva ao ponto de fazer da filosofia moral nietzschiana algum tipo de fisicalismo reducionista, a partir do qual a moralidade pudesse ser explicada por

---

2 Cf. LEITER, B. *Guidebook of Nietzsche on morality*. London: Routledge, 2002, p. 3-5.

3 Talvez possamos afirmar que Heidegger seja hoje considerado como representante quase isolado desta leitura que toma a filosofia nietzschiana a partir de algum sentido metafísico. Sem a menor pretensão de entrar aqui nos méritos da leitura heideggeriana, apenas mencionamos suas conferências sobre Nietzsche como tentativa paradigmática de caracterizar seu pensamento como uma espécie de encerramento da filosofia metafísica, mas ainda assim nela circunscrito (cf. HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, 2v.).

4 É importante aqui ter em vista a existência de diferentes sentidos para a crítica do conceito de metafísica no contexto da filosofia nietzschiana, mesmo que ele não se ocupe tanto em esclarecer seu leitor quanto aos modos de discerni-los: por um lado, pode-se pensar em uma oposição mais abrangente direcionada a toda metafísica substancialista (o que resolveria parcialmente o problema, já que o naturalismo não exclui necessariamente toda forma de metafísica) e, por outro, uma crítica à metafísica como doutrina normativa, onde o dualismo ontológico desempenha o papel de fundamento “objetivo” dos valores.

meio de meras reações físico-químicas desenroladas no organismo do indivíduo<sup>5</sup>; é necessário antes que se considere, em última instância, o caráter inapreensível dos reais motivos e mecanismos envolvidos na ação humana, sobretudo com relação à impossibilidade de se fazer um discurso epistemicamente válido, que seja fundamentado na lógica e na inteligibilidade dos fatos objetivos acerca dos valores e valorações.

Por outro lado, quando se trata do referido *naturalismo metodológico*, ou seja, quando a questão se dirige à continuidade entre a atividade filosófica nietzschiana e os métodos e resultados das ciências empíricas, a situação se torna menos consensual e, portanto, demanda maior atenção. Todavia, antes de avançarmos em direção a estes problemas de continuidade, gostaríamos de acrescentar à discussão uma segunda perspectiva concorrente acerca do naturalismo moral de Nietzsche que ao invés de tomá-lo por este duplo viés, prefere descrevê-lo como um *naturalismo em sentido amplo*. Assim, Christopher Janaway irá defini-lo fundamentalmente como uma atitude de oposição a todo tipo de metafísica transcendente – seja aos moldes de Platão, do cristianismo ou mesmo de Schopenhauer<sup>6</sup> – o que, segundo Leiter, seria uma correta descrição do naturalismo nietzschiano, mas que em todo caso não apresenta

---

5 “Nietzsche não pretende reduzir complexos afetivos a seus constituintes ontológicos elementares, sejam eles químicos ou físicos, mas simplesmente mostrar que a reivindicação metafísica de uma origem transcendente para determinados afetos ignora que eles resultaram de um processo de sublimação de um mesmo fenômeno demasiado humano” (LOPES, R. *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008, p. 274 (Tese de doutorado)).

6 Derivados deste primeiro aspecto central, Janaway indica ainda outras características do naturalismo nietzschiano como: a rejeição de noções tais como alma imaterial, vontade livre ou intelecto puro e autotransparente; a ênfase no corpo e na natureza animal dos seres humanos; a tentativa de explicar diversos fenômenos recorrendo aos impulsos, instintos e afetos, localizados por ele na nossa existência física e corpórea; e por fim, a tarefa de tradução do homem de volta à natureza (cf. JANAWAY, C. *Naturalism and genealogy*. In: PEARSON, K. A. (org.). *A companion to Nietzsche*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006, p. 337).

qualquer elemento capaz de unificar suas diferentes características de modo coerente, papel que caberia ao sentido de continuidade de métodos e resultados com as ciências.

Este *naturalismo metodológico* de Nietzsche, afirma Leiter, seria evidenciado pelo modo recorrente segundo o qual “visa oferecer teorias que expliquem diversos fenômenos humanos (especialmente o fenômeno da moralidade), a partir dos atuais resultados científicos” – isso somado à prática de “*modelar* suas teorias a partir das ciências, no sentido de se buscar revelar as determinantes causais destes fenômenos partindo de fatos psicológicos e fisiológicos sobre as pessoas”<sup>7</sup>. Entretanto, conforme destaca Janaway, ambas as teses de continuidade apresentam problemas, principalmente se tomadas como expressão daquilo que definiríamos como sendo a atividade filosófica nietzschiana propriamente dita: primeiro e de forma mais dura, ele discorda da *continuidade de métodos*, pois, se basta emular a ciência, se basta tomá-la como modelo descritivo firmado em explicações causais dos fenômenos em geral para daí concluir que Nietzsche oferece uma visão naturalista da moralidade, então teríamos que admitir que qualquer sistema de crenças como o cristianismo ou mesmo a astrologia sejam formas de naturalismo, já que também estes se valem de certas cadeias causais em suas explicações para a ação humana<sup>8</sup>. Por conseguinte, se buscamos salvar a tese de Leiter evocando a *continuidade de resultados*, resta ainda outra crítica, ainda que mais amena, de que certos resultados científicos serviriam não como fundamento ou justificação para o naturalismo moral, mas apenas como um pano de fundo que garantiria

---

7 LEITER, *op. cit.*, p.8.

8 Pensamos aqui em formulações “causais” do tipo: “Se ele age assim é porque sucumbe à tentação do Mal” ou ainda, “ele age desta forma porque é do signo de gêmeos”. Em ambos os casos, mesmo que aceitemos a banalidade dos argumentos, ainda assim são formulações causais, no sentido de que certos comportamentos são explicados como *efeitos* de *causas* específicas (a influência de um demônio, ou o alinhamento dos astros).

certo critério de qualidade às suposições causais. Em outras palavras, Janaway concede uma forma mais fraca de continuidade de resultados, no sentido de que as explicações filosóficas devam apenas não ser falseadas por meio do apelo aos resultados da melhor ciência disponível<sup>9</sup>. A resposta de Leiter às críticas será de que não passam de meros mal-entendidos: primeiramente, por desconsiderar que o naturalismo metodológico de Nietzsche é de viés essencialmente *especulativo*<sup>10</sup>; e, além disso, por não considerar que a única continuidade de resultados relevante ao caso diz respeito ao materialismo alemão do século XIX, mais especificamente com relação aos avanços da fisiologia<sup>11</sup>. Dito isto, vejamos os dois casos em separado e suas consequências para nossa problemática.

---

9 Cf. JANAWAY, *op. cit.*, p. 338-339.

10 “First, I claimed that Nietzsche is what I called a Speculative M-Naturalist, that is, a philosopher, like Hume, who wants to ‘construct theories that are *modeled* on the sciences...in that they take over from science the idea that natural phenomena have deterministic causes’ (Cf. LEITER, B. *Guidebook of Nietzsche on morality*. London: Routledge, 2002, p. 5). Speculative M-Naturalists do not, of course, appeal to *actual* causal mechanisms that have been well-confirmed by the sciences: if they did, they would not need to *speculate!* Rather, the idea is that their speculative theories of human nature are informed by the sciences and a scientific picture of how things work” (LEITER, B. Nietzsche’s naturalism reconsidered. In: GEMES, K.; RICHARDSON, J. (Orgs.). *The Oxford handbook of Nietzsche*. Chicago, 2008, p. 3). A tradução para o português deste artigo se inclui neste número dos *Cadernos Nietzsche* sob o título de *O naturalismo de Nietzsche reconsiderado*.

11 “But I also emphasized a second aspect of Nietzsche’s M-Naturalism. As I noted, *some* M-Naturalists demand a kind of ‘results continuity’ with existing science: ‘philosophical theories’ should, they believe, ‘be supported or justified by the results of the sciences’ (Cf. LEITER, *Guidebook of Nietzsche on morality*. London: Routledge, 2002, p. 4). I argued, however, there is only one kind of ‘results continuity’ at work in Nietzsche, namely, the result that the German Materialists of his day thought followed from advances in physiology, namely, ‘that man is not of a *higher*...[or] *different origin* than the rest of nature’ (LEITER, *op. cit.*, p. 7). Arguably, Nietzsche’s main bit of *Substantive* Naturalism – meaning ‘the (ontological) view that the only things that exist are natural’ (LEITER, *op. cit.*, p. 5) – is a consequence of this results continuity.” (LEITER, *op. cit.*, p. 3-4).

Quando Leiter afirma que o naturalismo metodológico nietzschiano é essencialmente especulativo, ele pretende deixar claro que não se trata efetivamente de fazer ciência, mas antes de se valer dela como modelo a partir do qual seria possível a emulação da atividade mesma, buscando dela se aproximar o máximo possível; deste modo, ele irá vincular o procedimento nietzschiano ao de David Hume, por exemplo, aproximando ambos das consequências metodológicas da ciência newtoniana<sup>12</sup>. De todo modo, com relação ao que diz Leiter sobre a *emulação* da ciência por meio de especulações acerca das determinantes causais dos fenômenos morais, pensamos que seja mais acertado dizer que se trata, sobretudo, de aderir a certo princípio de economia conceitual próprio à atividade científica, de forma que se busque dar conta da tarefa de descrever a estrutura da ação humana a partir de conceitos mínimos e abrangentes – o que manteria válida a comparação com a especulação humeana e, conseqüentemente, com a ciência newtoniana. Além disso, é preciso ter em conta que a postura própria da atividade científica, devido às suas condições de moderação e realismo, se mostraria mais adequada a uma proposta que se almeja poder contrapor e mesmo ocupar a lacuna deixada pelo abandono do discurso

---

12 “[Hume] quer fazer pela esfera humana o que ele acredita que a filosofia natural, principalmente na pessoa de Newton, fez pelo restante da natureza. A teoria newtoniana proporcionou uma explicação completamente geral acerca do porque das coisas no mundo acontecerem como acontecem. Ela explica eventos físicos numerosos e complexos por meio de princípios que, comparativamente, são poucos, extremamente gerais, talvez mesmo universais. De modo similar, Hume quer uma teoria completamente geral da natureza humana para explicar por que os seres humanos agem, pensam, percebem e sentem do modo como em geral o fazem (...). [A] chave para compreender a filosofia de Hume é vê-lo como proponente de uma teoria geral da natureza humana da mesma maneira que, por exemplo, Freud e Marx foram. Todos eles buscaram um tipo de explicação geral dos vários modos segundo os quais os homens pensam, agem, sentem e vivem (...). O objetivo de todos os três é completamente geral – eles tentam propor uma base para explicar *tudo* acerca das questões humanas. E as teorias que eles propuseram são todas, *grosso modo*, deterministas.” (STROUD, 1977, p. 3-4. *Apud*. LEITER, *op. cit.*, p. 3).

metafísico a respeito dos valores e da moral. Portanto, poderíamos dizer que a continuidade de métodos entre a filosofia e a ciência fundamenta o naturalismo moral de Nietzsche se considerada como uma relação de aprendizado a partir da qual o filósofo pode adquirir a virtude e o rigor necessários para “*alcançar um fim de modo pertinente*”, o que equivale a dizer que a ciência proporciona à filosofia um incremento da habilidade ou capacidade metodológica, porém não um saber propriamente dito. Deste modo, afirma Nietzsche, ter sido um homem de ciência é valioso “em vista de tudo o que se fará depois” (MA I/HH I § 256, KSA 2.212)<sup>13</sup>, indicando assim o papel preparatório da ciência em relação a outras atividades humanas como, por exemplo, a filosofia e a psicologia moral. Ora, segundo nos parece, estas primeiras observações sobre a continuidade metodológica nos permitem extrair também algumas consequências com relação à continuidade de resultados, na medida em que evidencia que o interesse de Nietzsche em aproximar sua filosofia moral das ciências naturais está antes voltado aos ganhos práticos, o que seria suficiente para pôr os resultados da ciência em segundo plano, em um sentido mais fraco como sugerido por Janaway. Entretanto, como Leiter destaca que estes devem ser limitados aos resultados relativos ao Materialismo alemão do século XIX, mais especificamente aos resultados referentes à fisiologia e às ciências biológicas, pensamos que seja importante uma palavra a mais sobre o assunto.

Segundo Leiter, a única continuidade de resultados significativa para a filosofia moral de Nietzsche seria aquela exposta pela prédica materialista de sua época de que “o homem não é de uma origem superior ou diferente em relação ao restante da natureza”<sup>14</sup>,

---

13 Todas as referências diretas ao texto de Nietzsche presentes neste trabalho seguem as traduções de Paulo César de Souza para a *Coleção das obras de Nietzsche*, editada pela *Companhia das Letras*.

14 LEITER, B. *Guidebook of Nietzsche on morality*. London: Routledge, 2002, p. 7.

e aponta como exemplo máximo desta linha de pensamento o livro *Força e matéria* do médico alemão Ludwig Büchner, onde se encontrariam as principais teses do materialismo da época. Destacamos em seguida uma passagem do livro que nos parece ilustrar bem a linha geral de suas formulações:

As leis que regem o *macrocosmo* ou o Universo (...) são também as que regem na natureza, o *microcosmo* ou o homem, no ser e no pensamento do qual elas de qualquer sorte se reflectem, ou se contemplam. Que o homem com todas as suas vantagens e todas as suas faculdades seja, não obra da divindade, mas produto da natureza, resultando, como todas as criaturas que o rodeiam, de um desenvolvimento sucessivo e natural e de evolução espontânea, é essa uma grande e brilhante verdade que não pode por forma alguma ser contestada hoje senão pela ignorância ou pela obstinação do caso pensado<sup>15</sup>.

Sem dúvida que o pensamento nietzschiano parece também se ater a esta relação de pertencimento entre as coisas humanas e a natureza; porém, quando se trata de dizer que Nietzsche estabelece uma relação de continuidade entre sua filosofia e os resultados do materialismo, existem certos fatores a serem considerados que indicam antes um distanciamento significativo entre uma posição e outra. Mesmo na argumentação de Leiter, a questão dos resultados propriamente ditos fica em segundo plano na relação de Nietzsche com o materialismo, sendo este antes uma espécie de inspiração metodológica – algo que fica bastante claro se tivermos em mente a fundamental importância e influência do pensamento de Friedrich Albert Lange sobre Nietzsche desde sua primeira leitura, no ano de 1866. Desta maneira, como Leiter mesmo ressalta, é antes por

---

15 BÜCHNER, L. *Força e matéria: ou princípios da ordem natural ao alcance de todos*. Porto: Lello e Irmãos Editores, 1958, p. 206-207.

meio da leitura que faz da obra de Lange que Nietzsche entrará em contato com todo o aparato conceitual do materialismo, o que nos permite considerar que a recepção deste aparato seja também mediada pela posição crítica do autor – algo que não é sequer considerado no comentário de Leiter. Mesmo que chegue a apontar a posição crítica do autor em relação ao materialismo<sup>16</sup>, Leiter não parece concordar com a tese de que haja um alinhamento mais abrangente entre a filosofia de Nietzsche e a perspectiva crítica de Lange<sup>17</sup>. Quando o comentador inglês fala em continuidade de resultados entre a filosofia nietzschiana e o materialismo alemão do século XIX, ele toma o *naturalismo substantivo* de Nietzsche como sendo uma consequência desta continuidade, no sentido de que os resultados do materialismo da época propiciaram ao filósofo o “pressuposto (ontológico) de que as únicas coisas que existem são *naturais*”<sup>18</sup>. Fica assim claro que Leiter não parece considerar a possibilidade de atrelarmos a filosofia nietzschiana à posição crítica de Lange com relação ao materialismo, ou seja, ele não parece endossar a tese de que Nietzsche assuma de forma mais programática as conclusões de Lange quanto à discrepância entre o inegável

---

16 “Lange, himself, was one of a number of ‘neo-Kantian’ critics of Materialism who held, first, that modern physiology vindicated Kantianism by demonstrating the dependence of knowledge on the peculiarly human sensory apparatus and, second, that the Materialists were naive in believing science gives us knowledge of the thing-in-itself rather than the merely phenomenal world” (LEITER, *op. cit.*, p. 66).

17 “See generally, Salaquarda (1978) and Stack (1983). Stack, in my view, overstates Nietzsche’s debt to Lange, and fails to note their many differences, e.g., Nietzsche was less critical of materialism than Lange, and Nietzsche plainly repudiated Lange’s Kantianism (e.g., Lange’s view that [w]e must therefore recognize the existence of a transcendent order of things . . .’ (1865: 230)). Stack’s book does usefully demonstrate that an influence on Nietzsche can be profound (as evidenced by the views he would later express) without Nietzsche acknowledging that fact. Thus, for example, his *Nachlass* references to Büchner tend to be rather dismissive and rude. Cf. KSA 7: 596, 740. The similarities, however, between Materialist thought and Nietzsche’s own turn out to be striking” (LEITER, *op. cit.*, p. 65, nota 32).

18 LEITER, *op. cit.*, p. 5.

valor metodológico do materialismo e sua improvável aceitação enquanto tese ontológica. Deste modo, devemos antes ter em conta, como afirma Rogério Lopes, que “Lange atribui à tendência materialista o mérito de ter fornecido as condições conceituais para a formação da disciplina metódica, considerada por ele como o traço essencial de uma cultura científica”, cultura esta capaz de “redirecionar para o objeto da investigação os impulsos subjetivos cultivados na tradição idealista”<sup>19</sup>. Ora, se Lange reserva um papel ao menos edificante para o idealismo prático em sua perspectiva crítica, isto segundo a tese antropológica de uma necessidade metafísica inerente ao homem que precisa ser satisfeita, uma afirmação como a de Leiter, de que Lange demonstraria uma “simpatia intelectual” pelo materialismo justamente por conta de sua oposição ao idealismo<sup>20</sup>, fica um pouco despropositada, ou mesmo superficial. Deste modo, pensamos ser mais apropriada a leitura que restringe o mérito do materialismo ao âmbito metodológico – como “uma concepção sóbria e econômica da natureza” que permite “o cultivo das virtudes epistêmicas necessárias para a criação de uma cultura verdadeiramente científica, na qual a aquisição do método é a única conquista definitiva”<sup>21</sup>. Inclusive, se levarmos um pouco mais adiante a questão do alcance e influência da obra de Lange sobre o pensamento de Nietzsche, podemos ainda encontrar outra maneira de pensarmos o sentido *especulativo* do naturalismo moral nietzschiano, um que fosse além da mera *emulação* reclamada por Leiter.

Se dermos por certo que a intenção de Lange em sua *História do Materialismo* é antes a de indicar um caminho de reconciliação entre o método materialista e a dimensão edificante do idealismo<sup>22</sup>,

---

19 LOPES, *op. cit.*, p. 51.

20 “At the same time, Lange’s general intellectual sympathies were clearly with the Materialists as against the idealists, theologians, and others who resisted the blossoming scientific picture of the world and of human beings” (LEITER, *op. cit.*, p. 66).

21 LOPES, *op. cit.*, p. 52.

22 Ainda sobre este ponto: “O materialismo é a tendência que melhor promove nossos

de modo que o dogmatismo<sup>23</sup> consequente da exacerbação de um dos pólos seja evitado justamente por conta desta contraposição, então teremos uma indicação mais acurada do que seria o caráter *especulativo* do naturalismo moral de Nietzsche. Neste sentido, ressalta Rogério Lopes, para Lange “a especulação deve ser interpretada como o produto dos impulsos estético, arquitetônico, sintético e ideal da humanidade”, não cabendo à filosofia o papel de “reprimir tais impulsos, mas de direcionar sua satisfação para o âmbito apropriado, qual seja, o da ficção conceitual”<sup>24</sup>. Entretanto, tendo em vista nossa intenção de tomar o espírito livre como conceito central deste trabalho – o que implica em considerar o posicionamento geral de Nietzsche durante o período intermediário de sua obra, onde fica marcada precisamente sua tentativa de estabelecer um discurso filosófico que fosse independente das ficções conceituais da metafísica – é preciso atenção para que não se perca de foco os limites e continuidades entre os pensamentos de Nietzsche e Lange, ou ao menos para não ponderarmos de forma apressada seus entrelaçamentos; de qualquer modo, estas discussões abrem espaço para retomarmos o debate sobre o naturalismo moral de Nietzsche, porém agora apontando uma segunda frente crítica, mais orientada a entender de que maneira se conciliam este viés metodológico do naturalismo nietzschiano e o modo retórico e quase-artístico por ele adotado para expor suas ideias.

---

valores epistêmicos, o idealismo a tendência que melhor promove nossos valores não epistêmicos. A história crítica do materialismo concebida por Lange pode ser lida como um esforço de reconciliar formalmente esta dupla tendência da cultura ocidental, reconhecendo seus respectivos méritos” (LOPES, *op. cit.*, p. 76).

23 “Esta reconciliação formal aponta por sua vez para uma superação do caráter parcial de ambas as perspectivas, parcialidade esta decorrente de seu dogmatismo. O idealista dogmatiza na medida em que desconhece o caráter ficcional de seus conceitos e a dimensão edificante de toda atividade especulativa. O materialista o faz na medida em que desconhece o caráter puramente fenomênico do discurso científico” (LOPES, *op. cit.*, p. 76).

24 LOPES, *op. cit.*, p. 76.

### *Ficção conceitual e normatividade*

O problema de conciliação entre o materialismo metodológico e a forma como Nietzsche expressa sua filosofia moral fica bastante evidente a partir da contraposição de duas afirmações concorrentes quanto à sua atividade filosófica: Leiter diz que se olharmos “a efetiva prática filosófica de Nietzsche, i.e., aquilo que mais toma seu tempo na feitura de seus livros”, encontraremos um naturalismo “fundamentalmente *metodológico*”<sup>25</sup>; para Janaway, ao contrário, o que caracteriza o efetivo método filosófico de Nietzsche é antes o “uso de recursos artísticos e retóricos, a incitação dos afetos do indivíduo, além da exploração das reações pessoais do leitor”<sup>26</sup> – de qualquer maneira, um método onde as ciências teriam papel bastante limitado, já que Nietzsche toma o método científico como uma busca impessoal pela verdade, algo livre de afetos e paixões, eliminando justamente a possibilidade de identificação dos afetos em seu papel causal na criação dos valores, por meio de sua experimentação pessoal. Deste modo, seria indiscutível a existência de certo descompasso entre o realismo moderado da perspectiva metodológica do naturalismo moral e o que às vezes parece ser o verdadeiro foco da atividade nietzschiana, ou seja, estimular propensões afetivas de modo a propiciar verdadeiras transformações valorativas – sendo apenas outra forma de expor a dificuldade anteriormente detectada de adequação entre uma visão naturalista da moral e o engajamento de Nietzsche em prol de uma hierarquia de valores específica.

A partir desta discussão, Leiter propõe uma solução que nos parece aceitável, porém somente enquanto estratégia elucidativa, algo que ele próprio chega a confirmar: é sugerido que se pense em dois “Nietzsches” – um *Nietzsche humeano* que busca estabelecer

---

25 LEITER, *op. cit.*, p. 6.

26 JANAWAY, *op. cit.*, p. 350.

um discurso acerca da moralidade segundo a perspectiva do naturalismo metodológico, ou seja, por meio da especulação causal fundamentada nos resultados da ciência; e um *Nietzsche terapêutico*, preocupado em fazer com que indivíduos que já possuam certa propensão valorativa se libertem das imposições da moralidade tradicional<sup>27</sup>. Desta forma, a tarefa de estipular valores – ou a apologia do tipo de vida do espírito livre – envolveria o alistamento do *Nietzsche humeano* em prol dos fins do *Nietzsche terapêutico*, mesmo que este último se valha de uma variedade de outros recursos artísticos, retóricos e passionais que estão a seu dispor e que evidentemente vão além do mero escrutínio da moralidade. É como se houvesse duas tarefas distintas a serem consideradas, porém decididamente inseparáveis na prática. O projeto naturalista de Nietzsche seria, portanto, descrever a moralidade em termos seguramente naturais, sem abrir mão do engajamento em prol de valores específicos, como tarefa de libertação dos novos espíritos livres com relação à sua falsa consciência moral, sua falsa crença de que a moralidade dominante é de fato *boa para eles*. Este segundo aspecto, que *não faz parte* propriamente do projeto naturalista de Nietzsche, seria a tarefa a qual o filósofo se entregaria de forma mais incisiva e proeminente em seus livros.

Feitas estas primeiras observações, haja vista os caminhos promissores que nos foram abertos pela aproximação entre a teoria de valores de Nietzsche e a filosofia crítica de Lange, buscaremos explorar um pouco mais esta estratégia de abordagem, retomando aquilo que dizíamos sobre o sentido especulativo da filosofia formulado por este último em sua *História do materialismo*. Ressaltamos anteriormente que, como Lange assume a tese antropológica de uma necessidade metafísica, ele irá entender que cabe à especulação um papel legítimo e fundamental de proporcionar

---

27 Cf. LEITER, B. Nietzsche's naturalism reconsidered. In: GEMES, K.; RICHARDSON, J. (Orgs.). *The Oxford handbook of Nietzsche*. Chicago, 2008, p. 11-16.

ficcionalmente um sentido geral ou uma finalidade para a existência humana. Entretanto, destacamos também que graças ao cultivo de certas virtudes epistêmicas proporcionado pela inspiração metodológica do materialismo, a especulação adquire condições de se precaver em relação às pretensões da metafísica imaginativa de “penetrar a essência da natureza e determinar a partir de noções puras o que somente a experiência pode ensinar”<sup>28</sup>. Por conseguinte, conclui Lange, “uma coisa é certa, que o homem necessita suplementar a realidade com um mundo ideal de sua própria criação, e que as mais altas e nobres funções da sua mente cooperam em tais criações”<sup>29</sup>. Ora, se concedermos que a influência de Lange possa ter se estendido até este ponto, talvez fosse o caso de tomarmos a posição de Nietzsche como sendo justamente uma tentativa de conciliar ciência e criatividade a partir deste “ponto de vista do ideal”. Hans Vaihinger, por exemplo, irá aproximar as perspectivas de Lange e Nietzsche justamente por concluir que ambos endossam a tese de que “vida e ciência não são possíveis sem concepções imaginárias ou falsas”<sup>30</sup>. Desta maneira, deixando de lado a questão do engajamento do jovem Nietzsche em um uso edificante de sua metafísica de artista, devemos nos perguntar aqui se há como pensar estas continuidades mesmo no período do espírito livre, haja vista que um de seus núcleos – como parte do objetivo geral de se construir uma “nova imagem e novo ideal do espírito livre” – seja a tentativa de se formular uma proposta de vida possível em um cenário pós-metafísico; de qualquer modo, poderíamos dizer que o que Nietzsche se propõe no período intermediário é pensar até que ponto seria possível abrir mão dos erros fundamentais da vida em

---

28 LANGE, F. A. *The history of materialism and criticism of its present importance*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & CO. LTD, 1925, p. 340.

29 LANGE, *op. cit.*, p. 342.

30 VAIHINGER, H. *The philosophy of “as if”: a system of the theoretical, practical and religious fictions of mankind*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & CO. LTD, 1935, p. 341.

nome da busca pelo conhecimento científico (FW/GC 110, KSA 3.469) – ou trazendo a questão para nosso caso específico, poderíamos dizer que o problema é entender até que ponto seria possível conciliar, por um lado, o conhecimento (histórico-naturalista) de que os valores são uma criação afetiva prudencialmente determinada e, por outro, a própria vida, uma vez que esta só foi possível graças a erros e ilusões relativas à natureza dos valores e avaliações – como por exemplo, que eram eternos e imutáveis (FW/GC 115, KSA 3.474), ou justos e lógicos (MA I/HH I 31-32, KSA 2.51)<sup>31</sup>.

Assim sendo, nossa questão se encaminharia da seguinte maneira: tendo em vista que os livros que compõem o período intermediário da filosofia nietzschiana têm como objetivo de grupo oferecer uma nova imagem e um novo *ideal do espírito livre*, temos que admitir como primeira premissa que Nietzsche esteja, ainda neste momento de sua obra, preocupado em criar ou propor certo *sentido* ou *valor* para a vida, porém de modo limitado, selecionando um grupo específico de indivíduos aos quais se dirigir; assim, ao invés de falarmos em um ideal de humanidade, talvez fosse o caso de falarmos em um *ideal do tipo espírito livre*. De qualquer modo, mesmo que se aceite essa premissa, ainda assim o problema de conciliação entre o conhecimento histórico-naturalista e a criação de valores permanece.

Nadeen Hussain, por exemplo, irá formular a questão da seguinte maneira: se por um lado Nietzsche parece claramente propor certo niilismo teórico, no sentido de negar ao mundo qualquer valor senão o que lhe foi doado pelos homens, por outro, podemos notar uma concomitante preocupação em evitar o niilismo prático, ou

---

31 Ainda sobre este ponto: “O conhecimento só pode admitir como motivos o prazer e o desprazer, o proveitoso e o nocivo: mas como se arrumarão esses motivos com o senso da verdade? Pois eles também se ligam a erros (na medida em que, como foi dito, a inclinação e a aversão, e suas injustas medições, determinam essencialmente nosso prazer e desprazer). Toda a vida humana está profundamente embebida na inverdade” (MA I/HH I 34, KSA 2.54).

seja, as consequências práticas da crença na ausência total de valor no mundo<sup>32</sup>. Tendo como base uma incontornável inflexão do erro em nossas valorações, a solução apontada por Hussain vai em direção da tese de que Nietzsche (enquanto espírito livre ele mesmo) partiria de certa *ilusão honesta* – algo semelhante ao que pensa Hans Vaihinger ao discorrer sobre aquilo que denomina “doutrina nietzschiana da ilusão consciente”<sup>33</sup>. Deste modo, em uma linguagem bastante apropriada à contraposição com Vaihinger, Nadeen Hussain irá ressaltar que Nietzsche sem dúvida está atento ao fato de que as “coisas nos aparecem *como se* fossem valorosas nelas mesmas, mas que esta aparência é gerada por nós”<sup>34</sup>, o que implicaria na aceitação de que o ideal de vida proposto por Nietzsche deve contemplar esta peculiaridade de que seus valores *pareçam* valorosos em si mesmos, sem que se perca, contudo, a consciência desta sua natureza de criação – ou em outras palavras, o espírito livre teria tanto que se manter fiel a sua integridade intelectual, que lhe mostra o fundo ilógico e injusto de todas as valorações, quanto aderir a certa atitude criativa em âmbito valorativo. Ora, se tivermos em conta que, de maneira geral, a criação dos valores se vincula ao sentido avaliativo proveniente das orientações afetivas referentes aos impulsos predominantes no indivíduo, então temos ao menos a indicação de duas coisas: primeiro, que os valores que compõem este ideal do espírito livre têm que atender ao pressuposto prudencial anteriormente ressaltado, de forma que

---

32 “Theoretical nihilism is the belief in valuelessness, or as Nietzsche often puts it, goallessness. Practical nihilism is the practical consequence in most agents of the belief, usually only a tacit belief, in valuelessness or goallessness. Practical nihilism consists of a range of psychological and sociological phenomena. Now it is certainly true that Nietzsche is extremely concerned about the rise of practical nihilism, but theoretical nihilism is something that he does indeed seem to endorse.” (HUSSAIN, N. Honest illusion: valuing for Nietzsche’s free spirits. In: LEITER, B.; SINHABABU, N. (Orgs.). *Nietzsche and morality*. New York: Oxford University Press, 2007, p. 161)

33 Cf. VAHINGER, *op. cit.*, p. 341-362.

34 HUSSAIN, *op. cit.*, p. 163 (grifo nosso).

respondam a certa relação de adequação com impulsos e afetos predominantes no “candidato” a espírito livre; além disso, nos parece iminente que, se ao menos dois impulsos ou afetos específicos estiverem presentes de modo determinante no indivíduo, os valores do ideal nietzschiano do espírito livre lhe parecerão *como se* fossem valorosos em si mesmos: certa paixão pelo conhecimento, fruto de sua integridade intelectual, somada a um impulso estético que lhe garanta a boa vontade para com o erro e a aparência, de modo que funcione como contrapeso para a primeira. Dito isto, fica a indicação de que ao se dedicar à formulação de um novo *ideal do espírito livre*, Nietzsche pretende, antes de qualquer outra coisa, promover ou incentivar um tipo de vida onde haja a convivência moderada entre, por um lado, impulsos e afetos próprios do homem da ciência (sua integridade intelectual e sua paixão pelo conhecimento) e, por outro, certa boa vontade para com a falsidade própria à atividade artística, haja vista a proeminente ameaça de que uma excessiva influência dos valores epistêmicos pode implicar justamente na inércia ou na negação e inviabilização da própria vida (cf. FW/GC 107, KSA 3.464). No entanto, mesmo estas observações não nos parecem ser suficientes para justificar o engajamento de Nietzsche em prol deste modo de vida específico – ou posto de maneira definitiva: ainda não fica claro como seria viável manter os resultados descritivos da psicologia moral e do naturalismo metodológico, e ao mesmo tempo se empenhar na formulação de um ideal normativo – mesmo que limitado a um grupo restrito de indivíduos.

Segundo nos parece, a chave para compreendermos a questão está em uma peculiaridade da filosofia intermediária de Nietzsche: enquanto nos livros do período de maturidade Nietzsche se entrega com muito mais vigor à defesa dos “homens superiores”, evitando reconhecer qualquer mérito ao “homem de rebanho”, nas obras intermediárias, sua posição é mais moderada ao conceber a sociedade como bem fundamentada na contraposição e enfrentamento entre indivíduos inovadores e mantenedores da tradição.

O pensamento de Nietzsche neste momento de sua obra reconhece méritos tanto nos homens “bons” quanto nos “maus” (cf. FW/GC I, KSA 3.369), ressaltando apenas que cada um tem seu papel na economia total da vida (cf. FW/GC 4, KSA 3.376). Entretanto, de forma conjunta a esta visão equilibrada de sociedade, Nietzsche parece também estar especialmente preocupado tanto com possíveis tiranias ou exacerbações por parte de qualquer um dos pólos de força<sup>35</sup>, quanto com a limitada capacidade da ciência de oferecer novos objetivos ou ideais de vida. Deste modo, cremos que se Nietzsche apresenta o espírito livre de modo a desempenhar certo papel de *tipo normativo* em seus livros, assim o faz com total conhecimento de que este tipo de vida não é o melhor para todos os indivíduos; porém, se ainda assim fala *como se* este fosse o melhor tipo de vida dentre as vidas possíveis, é porque se dirige preferencialmente a quem os valores a ela correspondentes serão recebidos *parecendo* valores-em-si – mesmo que não haja critérios epistêmicos de verdade envolvidos nesta percepção, ainda assim poderíamos conceder algum tipo de critério psicofisiológico de reconhecimento, o que em outras palavras equivale a dizer que, mesmo que este critério permaneça invariavelmente desconhecido para nós, ainda assim ele pode ser sentido justamente naqueles onde prevalece previamente certo gosto ou temperamento. Assim, uma vez encontrada a forma de conciliar estas características diversas, teríamos uma boa imagem do que Nietzsche pretende e espera dos espíritos livres: que por meio de uma *gaia ciência* eles não só preservem a natureza dinâmica dos valores e valorações, mas que também compreendam seu papel inalienável nessa “nova lei de fluxo e refluxo” (FW/GC I, KSA 3.372).

---

35 Vale ressaltar que, neste momento de sua obra, Nietzsche se mostra atento não só à ameaça da imposição dos valores tradicionais de modo massificante, mas também a uma possível e indesejada “vulgarização” do caráter de exceção: “Bem, algo pode ser dito em favor da exceção, *desde que ela nunca deseje se tornar regra*” (FW/GC § 76, KSA 3.432).

**Abstract:** The paper aims to propose an answer to the seeming disagreement between specific demands from the descriptive naturalism present in the moral psychology developed by Nietzsche and his efforts on behalf of a specific set of values notably linked to the ideal of the free spirit's life.

**Keywords:** naturalism - free spirit - value - moral psychology - normativity

## referências bibliográficas

BÜCHNER, L. *Força e matéria: ou princípios da ordem natural ao alcance de todos*. Porto: Lello e Irmãos Editores, 1958.

HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. 2 Vol. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HUSSAIN, N. Honest illusion: valuing for Nietzsche's free spirits. In: LEITER, B.; SINHABABU, N. (Orgs.). *Nietzsche and morality*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 157-191.

JANAWAY, C. Naturalism and genealogy. In: PEARSON, K. A. (Org.). *A companion to Nietzsche*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

LANGE, F. A. *The history of materialism and criticism of its present importance*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & CO. LTD, 1925.

LEITER, B. *Guidebook of Nietzsche on morality*. London: Routledge, 2002.

\_\_\_\_\_. Nietzsche's naturalism reconsidered. In: K. Gemes & J. Richardson (Orgs.) *The Oxford handbook of Nietzsche*. Chicago: 2008.

LOPES, R. A. *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008 (Tese de doutorado).

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado Humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VAIHINGER, H. *The philosophy of "as if": a system of the theoretical, practical and religious fictions of mankind*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & CO. LTD, 1935.

Artigo recebido em 10/08/2011.

Artigo aceito para publicação em 15/08/2011.

